



UMA EXPERIÊNCIA NO GRUPO DE CONVIVÊNCIA COM SUJEITOS AFÁSICOS

A GROUP OF EXPERIENCE IN ASSOCIATION WITH APHASIC

Francisco Nilton Gomes de Oliveira¹

Elysa Zart²

Marinalva de Oliveira Andrade³

RESUMO

Neste trabalho, busca-se analisar as práticas discursivas de sujeitos afásicos, participantes do grupo denominado Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, buscando compreender as conseqüentes perdas na sua produção de vida, como também examinar as questões da significação da linguagem desses sujeitos e suas representações linguísticas através de um corpus composto de entrevistas realizadas com eles. Procurou-se observar e analisar os inúmeros fatores que dificultam a (re)inserção desses sujeitos em suas rotinas de vida, em seu convívio social e em seu mundo familiar, bem como, a partir da leitura e releitura dos discursos dos sujeitos, analisar sua estruturação linguística, fundamentando-se em conhecimentos engendrados pela ciência sobre a linguagem humana, com o fito de estabelecer possíveis paradigmas para uma intervenção eficaz que propicie ao afásico a (re)construção de sua fala, ampliando a dimensão humana no contexto pós-doença. A importância desta pesquisa é, portanto, de compartilhar tal desafio com outros profissionais envolvidos com o estudo da afasia, proporcionando discussões sobre novos caminhos, na tentativa de estimular as práticas discursivas do afásico, em seu novo contexto de vida e da doença, de ajudá-lo a superar suas dificuldades linguísticas e conquistar maior qualidade de vida para si e seus familiares.

Palavras-chave: Linguística, Comunicação, Afasia.

ABSTRACT

In this work, we seek aimed to analyze the discursive practices of aphasic participants in a group called Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco to understand the meaning and language of these subjects, and their linguistic representations through a of interviews them. It was observed and analyzed the many factors that hinder the (re) integration of these individuals in their daily life, social life and in his familiar world. From reading and rereading of the speeches, it was analyzed their linguistic structure, basing on knowledge engendered by science about human language, with the aim of establishing possible paradigms for effective intervention that is conducive to aphasic (re) construction of their speech, expanding the human dimension in the post-illness. The importance of this research is therefore to share this challenge with other professionals involved with the study of aphasia, providing discussions about new ways in an attempt to stimulate the discursive practices of aphasic, within its new context of life and disease, seeking understand the organization of the production of oral aphasic person, as an aid in overcoming their language difficulties, possible to gain a greater quality of life for aphasic individuals and their families.

Key words: Linguistics, Communication, Aphasia.

¹ Terapeuta Ocupacional, Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, Docente da Universidade Federal de Santa Maria.

² Acadêmica de Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Santa Maria.

³ Terapeuta Ocupacional, Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Docente da Universidade Católica de Pernambuco e Terapeuta Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco com atuação no Hospital das Clínicas.

1. INTRODUÇÃO

A preocupação motivadora deste estudo levou em conta o pressuposto teórico da importância da linguagem para o desenvolvimento do indivíduo, em seu aspecto social e humano, entendendo a linguagem como estabelecadora de relações socioafetivas, construídas a partir das redes sociais.

Dessa forma, a linguagem humana é entendida numa dimensão maior, como constitutiva do sujeito, que por meio de seu uso, gera significações para a produção de vida do indivíduo, no seu cotidiano e no seu mundo. Nessa acepção, portanto, infere-se que as manifestações linguísticas são historicamente situadas, uma vez que são constituídas e reconstituídas ao longo da vida. Entende-se a linguagem como veículo transmissor de informações nos itinerários discursivos, levando-se em consideração a produção discursiva do homem, tecida ao longo de suas práticas sociais.

Nas diversas formas de relações humanas que são estabelecidas numa determinada sociedade, as manifestações linguísticas são determinantes para que essas redes interacionais e sociais se estabeleçam. A compreensão dos processos linguísticos e das produções discursivas estabelecidas nas diversas interações sociais faz-se num processo dialógico, do qual o sujeito afásico é abruptamente afastado, quando se vê diante da perda da função comunicativa, devido à fragmentação de sua fala advinda da patologia que o acomete.

A preocupação com tal fato motivou o desejo em analisar-se como se concretiza a interlocução entre afásicos sob o prisma de correntes teóricas da filosofia da linguagem e da linguística, que subsidiaram a análise das produções discursivas dos indivíduos investigados.

Nesse diapasão, salientou-se que esse (re)desenhamento teórico da linguística explora a afasia de uma maneira abrangente, já que, em geral, as pesquisas apresentadas sobre essa patologia enveredam suas discussões sob o olhar de correntes teóricas que se preocupam, apenas, com a análise da estrutura frásica em obediência ao sistema linguístico, bem como com a articulação dos fonemas e seleção lexical adequadas.

A relação direta entre linguística - na perspectiva da filosofia da linguagem e da Linguística - e afasia, analisada sob o prisma linguístico-discursivo, é uma proposta interdisciplinar, pretensamente nova nas produções científicas sobre o tema em estudo, concebendo vertentes epistemológicas que possibilitam entender a língua, dentro de uma dimensão social na produção humana, envolvendo sujeitos afásicos.

Nesses modelos, concebe-se a língua numa práxis que apreende a compreensão e a (re) construção dos processos

de significação da linguagem humana, com foco no sujeito afásico, e a cuja linguagem deve ser permitida uma retransformação dos significados linguísticos, com repercussão em suas dimensões ocupacionais.

Reconhece-se que o tema vem sendo estudado e discutido em diferentes áreas de conhecimento, com propostas, métodos e abordagens que norteiam a condição do sujeito afásico em seu funcionamento linguístico. Propõe-se um olhar diferenciado sobre a produção discursiva do indivíduo acometido por essa patologia, dando um passo no sentido de obter uma visão interdisciplinar, no momento em que se buscou, por meio da análise linguística da fala fragmentada do afásico, reconhecer, em seus depoimentos, sua postura de sujeito sociodiscursivo.

Os estudos centrados na área da Linguística possibilitaram reconhecer que as inter-relações estabelecidas pelos indivíduos apresentam certa complexidade, o que definiu um dos objetivos desta pesquisa: compreender como os processos linguísticos se estabelecem e se modificam nas interações sociais, cujos sujeitos apresentam quadro de afasia.

Compreendendo como a linguagem, enquanto desempenho ocupacional, constitui-se e reconstitui-se nas interações, ou seja, como tais processos linguísticos têm significado na vida dos indivíduos, objetivou-se analisar de que forma isso se altera e compromete a vida dos afásicos, como sujeitos sociodiscursivos. Intermediados pela análise do processo de comunhão, de interação, de concepção da linguagem orientada pela produção do discurso, especificou-se, como meta desta pesquisa, buscar entender como o próprio sujeito afásico desconstrói e reconstrói sua imagem e aponta outras possibilidades nas suas rotinas significativas.

Propôs-se, assim, analisar as práticas discursivas de sujeitos afásicos, com o objetivo de compreender o comprometimento ou não desses sujeitos discursivos, ante as conseqüentes dificuldades em sua vida, como interlocutor. Para isso, examinou-se as questões da significação da linguagem desses sujeitos e suas representações linguísticas, bem como as perdas decorrentes da patologia, através de um corpus de entrevistas, coletado no Grupo de Convivência dos Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, que objetivava propiciar situações sociocomunicativas e, assim, estimular as práticas discursivas desses sujeitos. Sua atuação junto aos afásicos ajudou na identificação e uso

*A linguagem como
estabelecadora de
relações socioafetivas,
construídas a partir
das redes sociais.*

de estratégias que contribuíssem para a adaptação deles aos desafios impostos pela fragmentação de sua linguagem, sempre visando atender às necessidades de cada afásico, como sujeito social.

Dessa forma, com a meta de proporcionar e estimular as práticas discursivas no afásico, dentro de um contexto de vida e da doença, propiciou-se, nessa convivência, situações interativas que motivassem a produção oral do sujeito afásico como forma de, pela superação de suas dificuldades linguísticas, ajudar no processo interativo desse sujeito, promovendo, como consequência, a sua (re)inserção social.

Os trabalhos vivenciados no grupo consistiram de atividades ocupacionais diversificadas, cujo objetivo era ativar a memória linguística, envolvendo indivíduos afásicos e não afásicos (terapeutas, professores, estagiários e familiares dos pacientes), de modo a favorecer as práticas discursivas, que promovessem a sua (re)socialização e (re) criação de novas possibilidades interativas.

A convivência do autor, como terapeuta ocupacional, nesse grupo constituído por sujeitos acometidos de Acidente Vascular Cerebral (AVC), oportunizou reconhecer para além da dificuldade articulatória da fala, preocupando-se em minorar a perda de sua interação social, em decorrência da sua dependência e pouca autonomia. Sendo assim, esta pesquisa justificou-se pela necessidade de se oferecerem subsídios teóricos sobre a afasia, numa relação direta com a linguística, não numa visão estruturalista, mas focada no funcionalismo da linguagem desses sujeitos.

Como se concentra na análise de dados obtidos a partir da observação de um fenômeno contextualizado, esta pesquisa se enquadra como qualitativa, preocupada não com dados estatísticos, mas voltada para a interpretação de posicionamentos de autores sociais, enfocando não só registros conscientes como aspectos da subjetividade dos indivíduos analisados na sua relação com o pesquisador, mas também analisando, contextualmente, a construção das imagens significativas de si mesmos.

2. A IDEOLOGIA DA PALAVRA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Considera-se que a consciência é formada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si, como uma rede de atividades sgnicas e mediadas pela linguagem. Esse paradigma de pensamento corroborou para legitimar que, através da linguagem, o homem materializa o psiquismo, ou melhor, a consciência por meio do signo¹.

Nessa acepção, ao falar do modelo social, entende-se que essa relação inicia-se na fase do desenvolvimento infantil, quando as crianças escutam a linguagem à sua volta e, mesmo não imitando a fala do modelo social, estão certamente

adquirindo, cognitivamente, algumas informações do seu meio, ou seja, a criança percebe o mundo, a partir dessa construção social. Assim, a teoria da aprendizagem social reconhece que a imitação desempenha um papel relevante para a construção do vocabulário da criança e até mesmo na aprendizagem de alguns elementos sobre a estrutura gramatical¹.

Todo gesto ou processo do organismo pode gerar elemento para a atividade psíquica, que lhe atribui um valor semiótico¹. Dessa forma, a palavra se revela como o material semiótico do psiquismo, e os discursos se entrecruzam com outros valores semióticos, como os gestos, por exemplo.

Por sua vez, a língua é determinada por uma ação ideológica, vê o psiquismo e a ideologia em constante interação dialética, denominando a esse percurso de signo ideológico, isto é, o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto, sociológico e significante, sobre o qual deve operar a delimitação das fronteiras entre a psicologia e a ideologia¹.

Com o propósito de estabelecer um arcabouço teórico-metodológico para os estudos na linguagem, contestam-se as posições reducionistas da psicologia racionalista e empirista, pois, a psicologia precisa recuperar a essência do sujeito numa dimensão ou compreensão da totalidade humana e não buscar as explicações das concepções humanas no modelo organogenético¹.

Embora Bakhtin não se considere um cientista da língua ou da linguagem humana, seus estudos deram grande contribuição para a compreensão da língua numa dimensão menos funcional ou estrutural, no momento em que a sua concepção de língua está posta na dimensão social, enfatizando o estudo da consciência na psicologia, no sentido de alcançar a sua construção numa relação com a linguagem. Mas, nos seus estudos, o autor refuta a concepção idealista da Psicologia Interpretativa, uma vez que esta não leva em conta o caráter social do signo, seu vínculo indispensável entre signo e significação¹.

Dessa forma, ancora seus estudos nos princípios da sociologia e não da biologia ou da fisiologia, uma vez que ambas não dão conta de analisar a questão da consciência e da sua complexidade¹. Nessa proposição, a consciência socioideológica não pode ser regida pelos

Todo gesto ou processo do organismo pode gerar elemento para a atividade psíquica, que lhe atribui um valor semiótico.

métodos das ciências naturais. O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável por fatores sociais que determinam a vida concreta do indivíduo em seu meio social.

Essa concepção, pode-se dizer, é o primeiro itinerário para a compreensão da língua na perspectiva social, pela ótica bakhtiniana, pois é partindo dessa premissa que se depreende que o modelo de intervenção da psicologia ou da linguística que considere somente o indivíduo biológico, é um modelo científico fadado ao fracasso. Para o autor, mesmo que a linguística ou a psicologia só considere a visão organogenética nas ciências humanas, não pode excluir o ponto de vista sociológico do organismo humano, uma vez que este não pertence a um meio natural abstrato, mas faz parte integrante de um meio concreto e social¹.

Em sua crítica aos literários que veem a psicologia e a linguística como ciência puramente tecnicista, o autor¹ concebe um modelo pautado na consciência, por ele entendida como um fato socioideológico, cuja constituição só será possível, como se deseja, a partir de uma psicologia objetiva ou da materialização de um estudo objetivo das ideologias. Esse problema da consciência criou as maiores dificuldades e gerou a formidável confusão encontrada em todas as discussões relativas tanto à psicologia quanto ao estudo das ideologias¹, já que esclarece uma definição objetiva da consciência, dizendo que esta não pode derivar diretamente da natureza como concebe a corrente do materialismo positivista, mas norteia que a consciência deriva da ideologia e não que a ideologia deriva da consciência². Dessa forma, a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no percurso de suas relações sociais. Em síntese, os signos são os nutrientes da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento.

O autor infere que, ao privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto, dentre outros, constituem o seu único abrigo. Como ressalta o autor, fora disso, há apenas o simples ato fisiológico que não interessa para a linguagem, já que se encontra desprovido de sentido, de signo, que é a materialização dos fenômenos ideológicos da consciência individual socialmente determinada.

Neste sentido, o aspecto semiótico da consciência só aparece em um lugar – na linguagem (palavra), visto que a palavra é um fenômeno ideológico por excelência, absorvido na sua função de signo, como modo mais puro e sensível de relação social. A representatividade da palavra, como um fenômeno ideológico, é, notadamente, a sua estrutura semiótica (significativa) que representa a consciência, o discurso interior. Em outros termos, a palavra, presente em todos os atos de compreensão e de interpretação, é o instrumento norteador da consciência, já que funciona como

elemento essencial ideológico.

Desta forma, a palavra tem um sentido de valor, transmitida sob uma entonação expressiva¹. Quando exprimimos os nossos sentimentos, damos a uma palavra uma entonação expressiva e profunda. De forma similar, encontramos que toda palavra pronunciada significativamente não tem apenas superfície, mas também uma dimensão de profundidade. Essa profundidade é executada pelo sentimento, ideia subentendida, condição, entonação com que é proferida³. Quando esse autor diz que o significado de uma palavra é seu uso na linguagem, reporta-se, pois, à enunciação de Bakhtin¹.

Considerando o indivíduo como detentor dos conteúdos de sua consciência, como fundador dos seus pensamentos e como responsável por seus desejos, tem, no seu psiquismo, o conteúdo individual que é, por natureza, social². Dentro dessa compreensão, todo pensamento é de caráter cognitivo e materializa-se na consciência, no psiquismo humano, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado¹.

Conforme essa teoria, o pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico. As categorias únicas desse sistema não são determinadas somente pela unicidade de seu organismo biológico, mas pela totalidade das condições sociais de vida em que esse organismo se encontra inserido¹. Nessa proposição, entende-se que o meio social no qual o falante se situa está repleto de conceitos, de valores, de sentido ideológico que organiza a atividade mental do indivíduo.

Em síntese, a linguagem assume um lugar fundamental para a construção das estruturas superiores – a consciência, cujo conteúdo se manifesta através da palavra e é por esse itinerário que o indivíduo compreende o seu ambiente social.

Faz-se necessário, portanto, ratificar que o signo e a enunciação são de natureza social; já a linguagem e a atividade mental são determinadas pela ideologia. A consciência individual é, pois, estruturada por conteúdos apreendidos pela experiência vivenciada pelo indivíduo, e, assim, torna-se firme culturalmente, através das formas linguísticas, pelo processo de interação dialógica, mas só se torna consciência individual quando impregnada de conteúdo ideológico. Esse diálogo, assim entendido, se manifesta durante todo o processo de aquisição da linguagem com a vida.

*Os signos são
os nutrientes da
consciência individual,
a matéria de seu
desenvolvimento.*

É nessa compreensão que a consciência é definida como expressão material, estruturada por meio da palavra, do signo, e que compõe de fato uma força social, a qual consiste em aproximar o signo apanhado de outros signos já conhecidos¹. Ainda segundo o autor, a consciência não só se materializa quando é fecundada de conteúdos ideológicos como quando se encontra presa no processo de interação, sujeito e falante.

Nessa mesma direção, a consciência individual se constitui na medida em que o homem interage com o mundo material¹. Nos seus pressupostos teóricos, o autor tem o mesmo posicionamento apontado em outros estudos⁴, quando afirma que é possível estudar o processo de interação social através da linguagem humana.

No geral, estes autores veem o sujeito como um ser histórico e, assim, inauguram uma nova gênese para as ciências humanas^{1,4}. Aliás, esses estudiosos não se detêm numa visão monológica de linguagem; vão mais além e transmitem uma visão dialógica, uma vez que o homem não pode ser explicado apenas como fenômeno físico, mas sendo pessoa que deve ser compreendida em suas ações de mundo, numa dimensão social.

Nessa proposição, o outro é importante para o processo de internalização dos fatos ideológicos, porque o sujeito vê o que o outro não pode ver, como, por exemplo, sua própria imagem, sua expressão. Dessa forma, o outro é essencial para que o sujeito tome conhecimento não somente das coisas, mas também da consciência de si mesmo, tome conhecimento da existência não conhecida. Portanto, o que precede o momento da atividade estética do sujeito consiste em identificar-se com o outro. Essa ação é por ele denominada de Enunciação, e toda enunciação é um diálogo, até mesmo as produções escritas².

Foi a partir dessa concepção que o autor afirma sua verdadeira substância, constituída pelo fenômeno social da interação, o qual é o centro organizador da atividade mental e não está no interior, mas sim, no exterior, ou seja, essa ação organiza a expressão do sujeito. Para o autor, é a expressão que põe em ordem a atividade mental, posto que é ela quem insinua e indica a sua orientação².

Nesse sentido, a atividade do “eu” é identificada no indivíduo pouco socializado, não sendo modelada

A consciência individual se constitui na medida em que o homem interage com o mundo material.

ideologicamente, mas a atividade do “nós” é concebida, teoricamente, como uma atividade psíquica que implica a consciência de classe². A palavra, portanto, pode ser denominada como um fenômeno ideológico que exerce a função de signo, constituindo-se no modo mais puro e sensível de expressão da relação social: o eu e o nós. Como já adiantado, as palavras têm papel semiótico na consciência, determina o conteúdo da vida interior, do discurso interior¹.

Dentre outros, os conceitos - dialogismo e polifonia - merecem destaque, por isso estão, a seguir, explicitados.

2.1 Dialogismo e polifonia

O diálogo é a forma clássica de comunicação verbal, e ele estabelece entre diálogo e enunciado uma relação não de igualdade, mas de interdependência. Esse aspecto pode ser destacado nesta afirmação:

[...] A relação existente entre as réplicas de tal diálogo [o diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política etc.)] oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica, não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista etc.)⁵.

O dialogismo caracteriza-se pela capacidade humana de interagir com outro, estabelecendo diálogos, mas faz-se necessário salientar que, através desse contexto dialógico, é que se elevam vozes que se entrecruzam; a esse entrecruzamento é denominado polifonia. Esse conceito é construído por Bakhtin a partir da análise do romance de Dostoiévski, o qual, no itinerário dos personagens, suscita o entrecruzamento de diversas vozes no decorrer da sua construção. A polifonia é vislumbrada nos personagens que se inspiram como sujeitos, como agentes autênticos de seu próprio discurso e não apenas como objeto mudo do discurso do autor.

O dialogismo está, então, ligado à polifonia, já que os personagens criados por Dostoiévski são pessoas livres, capazes de se colocar lado a lado com seu criador.

Bakhtin analisa, em Dostoiévski, que a personagem deixa de ser produto da consciência apenas de um autor e se

coloca, deslocando-se como várias consciências e discursos. Dessa forma, os personagens, na obra dostoiévskiana, não são dotados de características individuais, definidas, hirtas. Eles apresentam uma consciência explicitada no decorrer da sua obra; o interlocutor não vê quem é o personagem, mas consegue enxergar de que modo ele toma consciência de si mesmo.

Logo, o dialogismo parte do princípio de que o romance se constituiu de uma matéria verbal e, para determinar a dialogia, é necessário entender o romance como dialógico, uma relação direta entre o Eu e o Nós. O romance é, então, um retrato falado do ser humano formado de um mundo de ideias. Neste paradigma, o romance não opera apenas com a imagem do homem, mas, sobretudo, com a imagem de sua linguagem, num contexto denominado interação dialógica, na qual se articula, em nossas falas, a fala de outras pessoas, como se, no diálogo que travamos com outras pessoas, viessem outras vozes, porque o que é dito pelo sujeito não pertence somente ao indivíduo, porém a vários sujeitos¹.

Dessa forma, o princípio do dialogismo da linguagem é instaurado como unidade fundamental da língua. Não só o diálogo no sentido estrito do tipo comunicação face a face, mas o diálogo em sentido amplo, ou seja, toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja participa de um grande diálogo².

Em outra concepção já comentada anteriormente, observa-se também vestígios de uma abordagem dialógica, além de interativa³. Nota-se que, nos jogos de linguagem, a interação se dá entre sujeitos que fazem uso da linguagem numa situação concreta e, nela, os significados são construídos de forma que um sujeito possa atuar sobre a fala do outro. Não há jogo no vazio, mas na participação dos indivíduos em interação dialógica, num processo de compreensão ativo-responsivo, vendo a linguagem como atividade ou forma de vida.

Nas palavras de outro eminente estudioso do trilhar bakhtiniano, o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário⁶, e é, nessa

O dialogismo parte do princípio de que o romance se constituiu de uma matéria verbal e, para determinar a dialogia, é necessário entender o romance como dialógico, uma relação direta entre o Eu e o Nós.

perspectiva, que essa ação é considerada como princípio constitutivo da linguagem. Sendo assim, a perspectiva que se tem é de que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, de transmissão de informação, porém, numa perspectiva dialógica, discursiva, interativa, está imbuída de ideologia e, principalmente, dos contextos singulares e plurais de cada sujeito.

Nesse mesmo diapasão, postula-se que, na dualidade falante e ouvinte, os diálogos são redimensionados por meio de uma interação social, cuja abordagem ocorre a partir da relação sujeito e sociedade¹. Tal mecanismo permite o melhor entendimento do contexto do homem como um ser histórico e social nos processos linguísticos.

Nessa acepção, compreendeu-se que a língua se estrutura no universo da ideologia que é conhecida como expressão das relações sociais, determina a língua, e mais, à medida que a consciência tem sentido histórico, vivo, quando mediada pela linguagem, é também modelada pela ideologia¹.

O conceito de ideologia, segundo o autor¹, quebra a visão de ser ela subjetiva e interiorizada na mente do homem, nem tampouco idealista e psicologizada, desenvolvida também no interior de cada indivíduo, obrigando o homem a apenas defrontar-se com ela. Adotando, como ponto de partida, o conceito marxista de ser ela uma falsa consciência, a qual não só disfarça como também oculta a realidade social, por força do poder emanado das classes dominantes, Bakhtin¹ discorda de uma concepção de ideologia oficial monopolizante, pondo-a em concomitância com uma ideologia do cotidiano, que se dá na proximidade social, atribuindo uma relação dialética a elas que se dá na ação, no acontecimento. A definição de ideologia apresentada por Voloshinov, intelectual do círculo bakhtiniano, afirma que “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas signíficas”⁵.

Logo, a ideologia nada mais é que a forma como o homem expressa, organiza e regula as suas relações histórico-materiais. Isso implica dizer que a ideologia dominante e a ideologia do cotidiano do homem não se defrontam numa posição desigual de luta, mas estão em constante jogo, mediados pelos signos e presente em todas as relações sociais. Daí, afirmar que quaisquer mudanças sociais repercutem na língua, já que, no uso, os sujeitos interagentes as inscrevem no seu aparato linguístico, seja por acento depreciativo, seja por entonação, seja por valoração que a palavra assume, tornando-se, assim, memória social, posto que vários contextos com orientações diferentes admitem o emprego de uma mesma palavra, integrando-se ao sistema ideológico e sendo realizado pelo sistema social¹.

Esse paradigma ideológico é essencial para a compreensão de que, na língua, se implicam possibilidades de estruturas

Um enunciado é um elo de uma cadeia e só pode ser inferido no interior desta cadeia.

interpretativas, que vão além da visão estrutural, ou seja, para se compreender a língua não se pode entendê-la numa mera concepção normativa, pois a compreensão da língua, a partir de uma interação entre os indivíduos, da construção das relações dialógicas entre o eu individualizado quebrado pelo outro social, determina ver esses sujeitos interactantes como totalmente envolvidos pelo meio social. São as referências constituídas na atividade interativa que constroem o mundo, cujo sistema de representação é a ideologia.

Dessa forma, a linguagem humana é considerada como um fenômeno histórico, social e ideológico, que se dá a partir da relação entre os indivíduos e cuja substância não está no ato singular¹. Nessa relação paradigmática, a palavra suscita diferentes significados que estão imbricados em diferentes contextos humanos, ou seja, entender a língua só é possível no processo de interação verbal constante, pois, levando-se em consideração que a linguagem humana está intrinsecamente ligada ao cotidiano social do indivíduo numa dimensão plural, a interação verbal não pode ser compreendida fora de um universo concreto e ideológico. Tal ação ocorre pela diversidade que se dá no ato da interação verbal, daí afirmar-se que a interação verbal não pode ser vista e compreendida pelo ângulo de uma só ciência - a linguística - pois a dialogicidade revela-se sempre em múltiplos contextos no cotidiano do indivíduo.

Nessa linha de pensamento, o mesmo autor¹ postula que a linguagem se materializa no itinerário do discurso que o ser humano estabelece com o outro no processo dialógico, que se constitui através da relação ideológica e interativa verbal. Postula, pois, ser o dialogismo, impregnado do aspecto ideológico, o princípio que constitui a linguagem e a condição do sentido do discurso, as quais são desdobradas numa ação interativa entre enunciatador e enunciatário.

Outra estudiosa dos escritos bakhtinianos, discutindo o conceito de polifonia, diz que, na fala instauram-se vozes⁷. Dessa forma, tanto as palavras quanto as ideias que vêm de outro indivíduo intratecem a fala individual. As vozes intratecidas, explicitamente citadas ou não, interpenetram-se através da palavra do outro num processo dialético.

Assim, explica que a enunciação é vista como unidade básica da língua e itinerário de acesso ao psiquismo, visto que ela permite o florescimento de conteúdos de atividades mentais em sua natureza social. A enunciação, então, revela

o material da consciência. Dessa maneira, o enunciado pertence a um universo de relações dialógicas e se produz no contexto socialmente compartilhado e, portanto, ideológico⁷.

Esse dialogismo se faz sempre presente, pois as palavras que nós usamos estão sempre impregnadas por palavras de outros sujeitos. Até mesmo durante o período do ciclo da vida, na fase infantil, verifica-se que a fala toma sentido pela presença do outro, isto é, a fala, mesmo monológica, é sempre uma colagem de fragmentos da fala do outro.

Nesta proposição, a palavra, na comunicação verbal ativa, é sempre marcada pelo contexto de vida e o contexto social de cada indivíduo². No entanto, a palavra subsiste para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro que pertence aos outros; e como palavra que preenche o eco dos enunciados¹.

Logo, denomina esse atravessamento de vários discursos como sendo a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso⁸. A palavra para essa autora⁸ é expressiva, mas a expressividade não pertence à própria palavra. A expressividade emerge entre o ponto de contato entre a palavra e a realidade, ou seja, nas circunstâncias de uma situação real, que se utiliza e se contextualiza através do enunciado, na dialogia bakhtiniana. O discurso, então, é visto como produto de um interdiscurso, ou seja, todo discurso entremeia-se com um discurso de outrem. Essa heterogeneidade constitutiva é "... um centro exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso"⁸.

Nesta acepção, os enunciados não existem de forma isolada. Um enunciado é um elo de uma cadeia e só pode ser inferido no interior desta cadeia. Assim, só se pode conceber uma abordagem dialética de linguagem, se conceber o homem como sujeito falante¹, ou seja, os sujeitos não adquirem sua linguagem materna de forma isolada e sem nenhum sentido próprio, mas é através dela que ocorre o primeiro despertar da consciência, uma vez que, a palavra, enquanto material semiótico é a expressão dessa consciência. É nesse despertar da consciência expressiva que se formam as produções do discurso.

3. A LINGUAGEM DO AFÁSICO À LUZ DAS TEORIA LINGUÍSTICAS.

3.1 Constituição do corpus

Como já dito, o estudo desenvolvido nesta tese se caracteriza como sendo qualitativo, realizado sobre estudo de casos, buscando a compreensão do fenômeno afásico, caracterizado por grau de complexidade interna.

A entrevista, gênero tradicionalmente aceito como jornalístico, tem, como objetivo precípua, uma prática de linguagem, na qual os interlocutores se posicionam, como num jogo de papéis.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, baseada em estudo de casos, não se valorizaram os subsídios das causas, nem das consequências da existência, sendo o foco as características do que se pretende investigar, ou seja, a produção discursiva do afásico, a fim de ser feita uma avaliação de suas dificuldades discursiva. A opção por estudo de caso, enfatizando o aspecto qualitativo, favoreceu o valor notável do ambiente na configuração da personalidade, problemas e situações da vivência do sujeito, preocupando-nos com o fenômeno da linguagem do afásico, a qual está impregnada de significados que a situação lhes outorga. Como descrevemos uma visão subjetiva, foi requerida a interpretação de dados à base da percepção do fenômeno linguístico em um dado contexto.

Procurou-se manter, por se tratar de pesquisa qualitativa, o interesse na captura do ponto de vista dos autores sociais, privilegiando os aspectos conscientes, a subjetividade entre o indivíduo e o pesquisador, bem como os significados atribuídos pelos autores num determinado contexto. Assim, esse estudo não envolveu, simplesmente, a elaboração e/ou verificação de hipóteses previamente elaboradas, e sim a apreensão ou a percepção de uma determinada situação real em que a dificuldade de interação acarreta danos ao indivíduo que se vê estigmatizado pela sociedade, que lhe nega o papel inato de sujeito sociodiscursivo.

Por envolver pessoas, obedeceu-se aos rigores éticos e morais, bem como à necessidade de sigilo, em todas as etapas de desenvolvimento da pesquisa. Foi assegurado aos participantes que, a todo e qualquer momento, eles poderiam retirar-se da pesquisa, sem qualquer prejuízo, havendo os registros sido obtidos após o projeto haver passado pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP, com número de protocolo - CEP 061/2006. Ainda em obediência aos ditames legais, os participantes foram informados quanto ao objetivo da pesquisa, tendo toda coleta de dados sido realizada somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Grupo de Convivência de Afásico nasceu de uma comunhão de ideias entre profissionais da Universidade Católica, fonoaudiólogos, neurologistas e terapeutas ocupacionais com o objetivo precípua de possibilitar a (re)significação na linguagem desses afásicos.

A pesquisa foi realizada no período de 6 meses. As amostras da fala de três indivíduos afásicos selecionados foram coletadas, sem que se levassem em conta aspectos como restrição de idade, tipo e tempo de lesão ou condição sociocultural. A escolha dos três afásicos do grupo tomou por critério principal a sua fala já bem reconstituída, mas que, ainda assim, não lhes permitia sentirem-se incluídos na família e na sociedade. A dificuldade de formulação linguística, mormente em franco estado de readaptação

estrutural, ainda se revela como grande entrave a que o sujeito afásico assumo o seu papel sociointerativo, pelos entraves impostos por uma visão excludente que tenta sonegar-lhes a subjetividade discursiva.

O breve relato da história de cada um se fez necessário apenas para contextualizá-los socioculturalmente, como demonstrativo também de que a afasia não atinge grupos específicos. Foram, assim, realizados contatos com os afásicos e seus familiares com o objetivo de estabelecer um histórico de cada um deles, enfocando aspectos de sua vida produtiva antes do AVC e pós-doença. Como observado que o afásico não se dispunha a falar sobre aspectos de sua individualidade, optou-se pela abordagem com a utilização do gênero entrevista, cuja característica implícita a formulação de perguntas às quais deve o entrevistado responder.

A entrevista, gênero tradicionalmente aceito como jornalístico, tem, como objetivo precípua, uma prática de linguagem, na qual os interlocutores se posicionam, como num jogo de papéis: o entrevistador, por meio das perguntas, suscita a palavra do outro, incitando a transmissão de informações. A relação instaurada entre o entrevistador e o entrevistado, vista como social e interpessoal, é condicionante da interação estabelecida entre os dois. Dessa forma, foi facilitado que o entrevistador (neste caso o terapeuta ocupacional) acessasse as informações sobre a individualidade desses sujeitos afásicos, já que, entre eles, já fora estabelecido um compartilhamento das dificuldades, propiciando a realização da entrevista o acesso a informações as quais, de outra forma, lhe seriam sonegadas. Optou-se por uso de codinomes, a fim de preservar o anonimato dos entrevistados.

O primeiro entrevistado, aqui nomeado Cravo, é do sexo masculino, tem, atualmente, 59 anos de idade. Antes da AVC, trabalhava em uma escola onde exercia a função de professor do ensino fundamental. Sua rotina de trabalho era intensa, praticava atividades físicas diariamente e ainda se dedicava a aprender o idioma inglês. Considerava-se uma pessoa dinâmica, que gostava de atividades voltadas ao

lazer. Gostava de sair aos finais de semana, quando sempre buscava uma casa de forró ou brega para sua diversão. Ele não gosta de falar da doença, mas informa que tudo ocorreu muito rápido.

Outro componente do corpus selecionado é do sexo feminino, com 52 anos de idade, morava em um bairro nobre, com seus pais e sua filha, fruto de um casamento fracassado. A essa entrevistada, demos o nome de Flor. Sua única irmã morava no mesmo prédio e dividia com ela os cuidados com os pais doentes. Com formação superior, dividia seu tempo entre o atendimento aos pais e a administração de uma copiadora.

Sua rotina de trabalho era muito pesada e tomava todo o seu tempo. Em 1994, com o Plano Real, a copiadora começou a dar prejuízo financeiro, levando Flor a um alto nível de estresse. Sem cuidar da saúde, com uma vida sedentária e sem tomar os medicamentos para controlar sua pressão alta, acabou sofrendo um AVC que mudou completamente sua vida. Durante a avaliação da história clínica, sua irmã relatou que os sintomas do AVC tiveram início durante o banho. Nesse momento, Flor percebeu que não conseguia falar. Foi socorrida imediatamente por sua filha que estava em casa, chegando ao hospital inconsciente, mas as sequelas do AVC foram muitas: afasia, hemiplegia do lado direito, distúrbios motores, déficit de sensibilidade, luxação escápulo-umeral, défices cognitivos e consequentes problemas emocionais.

A terceira entrevistada, Bromélia, é brasileira, frequentou o curso superior de Física, na UNICAP, mas não o concluiu; é divorciada, tem uma filha de 21 anos e trabalhava como responsável técnica de uma empresa de desinsetização e desratização, havendo sido, por muitos anos, professora. Aos 41, sofreu um AVC e, de imediato, foi socorrida, após sentir uma forte dor no peito. Apresenta, como sequela, uma afasia de predomínio expressivo com dificuldades práticas importantes. Verificam-se, ainda, algumas dificuldades de ordem compreensiva. Após esse episódio, apresentou bastante dificuldade para se comunicar. Bromélia tem o hábito de ler jornais, de ouvir música e utilizar o computador para se

*Apesar de ser a
entrevista um gênero
que, por si, é gerador
de formalidade e
tensões, após o tempo
de convivência já
haver propiciado uma
aproximação entre o
pesquisador e os sujeitos
analisados.*

comunicar e ler notícias. Para se expressar, utiliza quase que exclusivamente a modalidade escrita e uso de gestos, para melhor se fazer entender. Segundo a filha, no início do problema, muitas vezes não era possível compreender o que ela falava, o que a deixava bastante impaciente. Porém, agora, ela já se expressa melhor.

Na transcrição dos trechos coletados, ou seja, no corpus (entrevista), T, indica o entrevistador e o nome de flores (Cravo, Flor e Bromélia) referem-se aos entrevistados.

Apesar de ser a entrevista um gênero que, por si, é gerador de formalidade e tensões, após o tempo de convivência já haver propiciado uma aproximação entre o pesquisador e os sujeitos analisados, buscou-se a utilização de estratégias que tornassem mais informais as abordagens, no decorrer da entrevista. Embora a coleta dos dados para a análise pudesse ter sido feita na convivência em grande grupo, procurou-se resguardar a privacidade dos sujeitos, que se veem numa situação linguística prejudicada. Para isso, a entrevista transcorreu numa conversa que se pretendeu o mais possível descontraída, envolvendo, nesse momento interativo, o entrevistador e o entrevistado, questionando sobre aspectos que, em grupo, não seriam tão facilmente abordados, àquela altura do tratamento.

Com esse propósito, recebeu-se os sujeitos desta pesquisa no Laboratório de Recursos Terapêuticos da Universidade Católica Pernambuco, convidando-os pelo seu nome próprio e encaminhando-os à sala de atendimento reservado. Para facilitar a descontração do entrevistado, desde os primeiros momentos interativos, procurou-se deixar o afásico ser o protagonista na cena clínica, criando uma situação na qual o entrevistado se sentisse como a pessoa de maior importância naquela entrevista. Esse aspecto foi favorecido pelo elo de confiança estabelecido entre o entrevistador e o entrevistado, em momentos de convivência, anteriores ao da entrevista.

Cada entrevista durou cerca de trinta minutos, sendo os dados registrados por um gravador de fitas audiocassetes, da marca Sony. As gravações foram transcritas originalmente, visando, assim, dar ao leitor uma compreensão do processo ocorrido na entrevista o mais próximo possível do contexto vivenciado. Após a audiência da gravação, foram destacados os trechos narrativos que ocorreram durante a construção da entrevista.

O corpus que serviu de base para a análise dos dados linguísticos de três afásicos, coletado no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, está à disposição de outros estudiosos, que os queiram analisar sob outro viés teórico-metodológico, por ser de propriedade coletiva dos pesquisadores do Grupo e de alunos envolvidos com PIBIC-UNICAP sobre afasia.

Neste estudo, procurou-se mostrar que o cotidiano

dos sujeitos afásicos analisados é repleto de perdas, fracassos, medos, sensações de incapacidades, devido não só às alterações na linguagem, mas em todo processo de socialização do sujeito, que passa a enfrentar situações adversas, muitas vezes tendo que recorrer a fatores de natureza extra e paralinguísticos, em que a necessidade de um trabalho multidisciplinar é inquestionável. Refutou-se, assim, o pensamento orgânico que direciona a grande maioria das práticas terapêuticas de afasiologistas, demonstrando-se que a patologia não é algo meramente neurofisiológico, mas que também pode ser compreendida em outras dimensões humanas.

É cediço que a capacidade linguística do sujeito permite promover a interação social e a sua organização dos pensamentos, não sendo nenhum sujeito previamente preparado para ter perdida essa capacidade. Mas a afasia vai além de uma simples dificuldade articulatória das palavras, já que, atingindo a estruturação frásica, limita, substancialmente, a fluência linguística do afásico e, apesar de não desconstruir sua constituição subjetiva, altera sua identidade social, como ocorreu com os protagonistas desta pesquisa. Limitados na sua discursividade, restringiram seu grupo social à sua casa e ao grupo de convivência, o que, no entanto, não atinge o sujeito em sua essência, sujeito de realizações sonhadas, e pleno de necessidades sociais.

A construção da análise dos dados dos três participantes, ainda que com um corpus limitado, revelou-nos que a afasia ocasionou rupturas na produção de vida e da saúde desses indivíduos. Para eles, a intervenção do grupo pode-lhes garantir a possibilidade de melhorar em relação a sua linguagem e, principalmente, em relação a sua independência, no que concerne tanto às atividades laborativas quanto às suas rotinas significativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentimentos manifestados por Cravo, Flor e Bromélia sugerem uma autoestima baixa, pouca expectativa com o amanhã e certa queixa pela situação atual, devido ao impacto ocasionado pela afasia na sua produção de vida, confirmando a ideia de que o sujeito é constituído pela linguagem e que faz uso dela em suas interações sociais. Qualquer entrave a essa interação tem repercussões graves na autoestima do ser humano, sendo bem presente esse sentimento na fala dos três afásicos participantes.

Os sentimentos presentes nos discursos dos sujeitos desta pesquisa mostraram, de forma bastante clara, que o fato de as alterações em suas produções discursivas impossibilitarem o desenvolvimento de algumas atividades, nas suas rotinas de vida, ocasionou fragmentação nas relações sociais, ficando, muitas vezes, um convívio restrito apenas aos familiares e

É cediço que a capacidade linguística do sujeito permite promover a interação social e a sua organização dos pensamentos, não sendo nenhum sujeito previamente preparado para ter perdida essa capacidade.

alguns amigos, pois são poucos os indivíduos que, no dia a dia, têm a paciência de buscar interagir com o sujeito afásico e não se atenam a uma questão de status linguístico.

Na construção desta tese, procurou-se analisar a postura linguístico-discursiva de indivíduos afásicos, com amparo especial em teorias da Linguística, conseguindo comprovar a hipótese principal de que a fragmentação da fala desses sujeitos, apesar de ser um complicador em sua situação comunicativa, não desfaz sua característica de ser social e de sujeito de discurso.

A concepção de linguagem aqui assumida, pelo viés da Linguística, foi vê-la como fator de ação social, por meio do qual o ser humano interage com o outro. Analisando a fala dos afásicos, numa dimensão dialógica, verifica-se como a desconstrução das suas redes de interações sociais atua sobre o indivíduo sequelado, o qual sente a desestruturação e desorganização do seu meio social.

A abordagem linguística possibilitou essa visão científica da linguagem, na condição afásica, comprovando a tese aqui defendida de ser a afasia um problema essencialmente discursivo, que afeta as práticas linguístico-discursivas no cotidiano do sujeito afásico, devendo assim ser desenvolvida a terapia com os acometidos pela afasia, extrapolando uma visão de ser ela meramente uma patologia neurológica. Esta pesquisa permitiu comprovar-se que as poucas tentativas de socialização que têm sido desenvolvidas envolvendo pessoas afásicas, nas quais se valoriza a convivência em grupo, garantiram a esses sujeitos uma melhora considerável em comportamento, em sua linguagem e em seu discurso.

Os indivíduos afásicos, codinominados Cravo, Flor e Bromélia, situam-se num contexto social novo, num processo de (re)construção das suas produções discursivas, tendo em vista o comprometimento advindo da afasia, com alterações na sonoridade das palavras, na gramaticalização, resultando em dificuldade de estabelecer uma interação dialógica, dada a elaboração problemática de sua mensagem.

A imagem que o afásico tem de si e a imagem que o interlocutor tem de si são antagônicas, constituem posições diversas do imaginário.

O exame do corpus restrito foi suficiente para perceber a dificuldade dos sujeitos da pesquisa em interagir, verificando-se, com frequência, certa inquietude com relação às suas rotinas e ao seu cotidiano. O percurso desses sujeitos é rompido no processo da doença, ao se depararem com estigmas sociais, dadas as diversas perdas que lhes são impostas. A imagem da posição de sujeito enunciativo que o afásico tem de si, ladeada pela imagem que o outro tem do afásico, perceptível nas análises procedidas, permitiu reconhecer, em seus discursos, que as condições interativas da produção linguística do afásico ocorrem num contexto específico e desigual. A imagem que o afásico tem de si e a imagem que o interlocutor tem de si são antagônicas, constituem posições diversas do imaginário. Na tentativa de estabelecer uma relação dialógica, com seu ouvinte, o afásico formula e reformula linguisticamente seus enunciados, sendo esse fato indicador da direção ideológica discursiva, confirmando que a ideologia constitui os sujeitos e os sentidos.

Assim, o sujeito afásico, em seu discurso, reproduz a preocupação com a imagem de si que passa ao seu ouvinte, tentando garantir sua inserção no grupo social, que não o aceita com naturalidade, vendo-o sempre como diferente, estranho ao meio.

Mas nenhum falante, nem mesmo o não afásico, tem garantia de pleno sucesso em sua ação comunicativa, graças às derivas de compreensão que a opacidade da língua possibilita, entretanto, no caso dos afásicos, percebe-se em seus discursos, a certeza que eles têm dessa incompreensão, da qual advém o afastamento interativo e provoca seu isolamento, propicia afloramento de angústia e desânimo.

Mesmo em se tratando de um corpus restrito, as conclusões indicam que as estratégias linguístico-discursivas do sujeito afásico, quando colocados em convivência no grupo, permitiram uma melhora considerável na sua autoestima, com reflexo em sua predisposição a reelaborar sua fala, devido ao processo de identificação nos discursos, o que ocorre em uma via de mão dupla, colaborando cada um dos sujeitos para a construção da identidade do outro e de si mesmo.

Como verdade indiscutível e incontestável, a fala se reveste de crucial importância na interação, por isso é preciso que, a partir de reflexões próprias, o afásico veja seu discurso como um ato que, com falhas estruturais, não está desprovido de significação, podendo sim, garantir sua (re)inserção no meio social, como produtores de textos significativos, necessitando, para isso, valorizar suas experiências individuais, ainda que negativas, pois, se assim não o fizer, está, na verdade, submetendo-se às imposições ideológicas sociais.

Os pontos analisados conduziram ao objetivo primaz desta pesquisa, que era reconhecer, na produção discursiva do afásico, uma tentativa de postar-se, afirmativamente, como

sujeito sócio-histórico. Essa postura restou evidenciada, após alguns encontros no Grupo de Convivência, no qual os indivíduos afásicos se permitiram interagir pelo discurso, ante a identificação de cada um com a problemática do outro. O desenvolvimento de suas produções discursivas foi gradativo, mas facilmente perceptível, mesmo para aqueles que apresentavam maiores limitações.

Entretanto, esta pesquisa teve-se em analisar, apenas, as produções discursivas de três afásicos, que já apresentavam uma melhora na elaboração linguística, mas ainda revelavam, em seus discursos, a perda da inserção social como a de maior valia. Isso não exclui os demais afásicos das conclusões aqui obtidas, sabendo-se que os sentimentos de exclusão são partilhados por todos, em níveis diferentes. A linguagem, portanto, é base da interação social, mas não se revela, em si mesma, capaz de garantir essa inserção. É preciso que haja, no meio social, a aceitação da subjetividade desses sujeitos, assumindo o grupo social um agir comunicativo, isto é, faz-se necessário que o ouvinte tenha consciência da partilha de um só mundo objetivo, bem como da incondicional validade dos discursos dos afásicos.

Os dados coletados evidenciaram que a interação sociodiscursiva é a via pela qual os profissionais envolvidos com a afasia podem trabalhar de forma a promover não apenas a reorganização linguística mas também a (re)inserção desses sujeitos, no mundo de realizações discursivas.

Percebe-se que a heterogeneidade constitutiva, ainda que numa superfície enunciativa fragmentada, pode ser encontrada no sujeito afásico, desde que se permita a esse sujeito, premido pelas suas limitações, conviver com pessoas que, numa postura de ação comunicativa, estabeleçam uma relação dialógica desse sujeito com o meio social em que vive, confirmando a afirmação dessa autora de que não há linguagem sem sujeito, o qual se afirma por meio dela.

Foi com esse olhar que o trabalho desenvolvido no Grupo de Convivência da UNICAP estimulou as produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia, permitindo (-nos) concluir-se que a prática da linguagem num âmbito coletivo de maior aceitação rege um dispositivo facilitador, para que o afásico (re) crie os seus processos linguísticos, no momento em que

o outro, detentor de similar limitação, espelha a face do próprio eu de cada um.

Um novo contexto de vida, uma nova perspectiva social são enfrentamentos que o sujeito afásico, inevitavelmente, vivencia em suas vidas. Mas o maior obstáculo à retomada de sua inserção linguística foi a resistência de alguns colegas, da sociedade e do mundo, em compreender as fragilidades linguísticas provenientes da afasia, sendo, portanto, a convivência no grupo um passo importante na reabilitação desses sujeitos, para os quais essa vivência possibilitou uma dinamização nas suas vidas. Percebeu-se sentimentos de melhora, uma auto-estima mais elevada, uma maior participação social e menos ociosidade no seu cotidiano, além de maior predisposição a exteriorizar linguisticamente seus posicionamentos.

Do discurso elaborado pelos falantes, ficou patente que o tratamento a eles dispensado pelos profissionais envolvidos com a afasia tem sido visto, pelos afásicos, como técnico e repetitivo, tornando-se uma atividade pouco prazerosa. Já no trabalho do Grupo de Convivência, os participantes perceberam-se inseridos em atividades interativas, as quais facilitaram sua confiança em tentar a sua (re)inserção na sociedade.

Esse fato como facilitador da (re)construção ou (re) criação da linguagem desses sujeitos foi destacado nos seus relatos, quando falam da importância do Grupo de Convivência em suas vidas, mostrando-se mais otimistas e impregnados de um discurso por meio do qual se compreende que o grupo tem sido um baluarte para a vida desses sujeitos. Embarareconheça-se que sua linguagem é fragmentada, o afásico (re)cria novas possibilidades discursivas, (re) construindo redes sociais nas suas participações no grupo. O (in)sucesso de tais procedimentos terapêuticos atrela-se ao estímulo da produção linguística, desde que redimensionados os conceitos e as práticas sobre a afasia, possibilitando ao afásico voltar a construir novas perspectivas de produção social, de vida e de linguagem.

A incursão pelo mundo teórico da Linguística permitiu considerar-se o sujeito para além das limitações impostas pela doença, pois considerou-se as repercussões, no cotidiano social do afásico, decorrentes de suas dificuldades de interagir, dada a limitação linguística que o acometeu.

Essa construção teórica da afasia, com as questões epistemológicas da Linguística, pode ser considerado um grande avanço na discussão sobre o tema em questão, tendo em vista que, ao se analisar o *corpus* em estudo, constatou-se ser possível, nas produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia, entrelaçá-las com os princípios teóricos da linguística, o que implica reconhecer que a língua não pode ser tratada numa perspectiva puramente organogenética.

Levando-se em consideração a proposta do estudo aqui

Os participantes perceberam-se inseridos em atividades interativas, as quais facilitaram sua confiança em tentar a sua (re) inserção na sociedade.

sugerida e a abordagem metodológica utilizada na pesquisa, foi possível verificar algumas peculiaridades no decorrer deste trabalho. Dentre elas, pontua-se:

- os aportes teóricos da Filosofia da Linguagem e da Linguística são relevantes para a compreensão e explicação das perdas sociais dos sujeitos afásicos, ficando as questões neurofisiológicas a cargo das ciências da saúde (medicina, fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional etc.);

- a linguagem de Cravo, Flor e Bromélia, geralmente, apresenta-se simplificada na estruturação frásica, dando preferência a períodos curtos, com vocabulário simples. O trabalho no Grupo de Convivência tem facilitado uma (re) construção da sua linguagem, em seus diferentes níveis de realização enunciativa, pela formação de uma imagem de si menos negativa, perante outro em similar condição;

- na oralidade desses sujeitos, pode-se verificar que Cravo, Flor e Bromélia formulam suas frases, assumindo que seu interlocutor, em geral, não partilha de seu contexto patológico, preferindo a não verbalização de sonhos e desejos, tendo em vista sua dificuldade em ser compreendido;

- as limitações na produção discursiva dos sujeitos da pesquisa interferem nos aspectos sociais, afetivos e profissionais, mas não lhes tira a subjetividade discursiva;

- o outro, o "TU", contribui, de modo incisivo, para a (re)construção da linguagem do afásico, corroborando o princípio do dialogismo defendido pela teoria bakhtiniana.

Assim, a linguagem dos afásicos é um processo multifacetado, no qual devem ser levados em consideração os acometimentos causados pela patologia, mas, enfaticamente, a repercussão no processo comunicativo do indivíduo.

Chama-se a atenção para o fato de que as perdas nos processos linguísticos de Cravo, Flor e Bromélia não são tão graves, mas, mesmo assim, o impacto ocasionado nas suas rotinas significativas de vida é avassalador. Os três indivíduos são semidependentes nas suas atividades de vida diária, apresentando poucas perspectivas.

Fazer a relação do sujeito afásico com o mundo que o cerca, rever os processos de enunciação desses sujeitos em seus discursos sociais é uma contribuição deste estudo para a ciência, no sentido de possibilitar novas reflexões e paradigmas no tratamento da afasia. Nesta tese, verifica-se

que a concepção teórico-prática dos processos linguísticos envolvendo a afasia deve priorizar a interrelação entre sujeito, linguagem e mundo.

As produções discursivas de Cravo, Flor e Bromélia vão além de uma simples necessidade de serem enunciadas; o seu papel perpassa essa dimensão, ao desejar ser reconhecido enquanto sujeito, mesmo diante das suas limitações linguísticas.

Em vários momentos, destaca-se uma relação muito íntima entre linguagem, histórico de vida e de mundo, no decorrer de suas enunciações, ratificando que a linguagem verbal não serve apenas como comunicação: seu papel vai mais além. O afásico a utiliza para expressar sua dimensão humana e reconhecer suas diferentes necessidades no dia a dia, confirmando, também, que ela serve para conhecer, interpretar e transformar o mundo e, acima de tudo, permite ao homem transmitir informações de suas práticas históricossociais.

Nesse paradigma, vê-se a afasia no itinerário social do sujeito afásico, no âmbito dialógico, na relação indivíduo-sociedade. Isso possibilita aos afásicos uma aproximação do seu cotidiano, da sua produção social e de vida, bem como uma conquista em sua qualidade de vida. Se, de início, o afásico, ao utilizar a linguagem em seu contexto social, restringe-a a pequenos grupos e aos seus familiares, os profissionais que trabalham, individualmente, com esses sujeitos não se utilizam da ferramenta coletiva para as suas produções linguísticas. Propõe-se, aqui, que os profissionais que lidam com a afasia alicercem suas práticas em parâmetros relativos às condições de vida dos sujeitos, ou seja, que a produção discursiva desses indivíduos seja realizada de acordo com as realidades de cada um.

Os resultados aqui encontrados apontam os trabalhos em grupos de convivência para os afásicos como facilitadores para propiciar suas produções discursivas, mas, desafortunadamente, ainda são poucos os grupos de convivências implantados no Brasil, ficando, como proposta deste trabalho, a implantação e implementação de novos grupos de convivência, bem como pesquisas sobre o trabalho em grupo, para a formação das práticas discursivas no afásico, visto que, nos diversos discursos dos nossos sujeitos, destaca-se a importância do grupo de convivência para as suas produções de vida, para novas construções das redes sociais, como também para a sua (re)inserção social.

Essas conclusões podem vir a contribuir para o incentivo à participação interativa do afásico, confrontando-se ele na re-ação sobre os estigmas da cultura, de modo a demonstrar que sua limitação linguística não o impede de contribuir para a ampliação e mudança de valores, de que se acha impregnada a sociedade.

4. REFERÊNCIAS

1. Bakhtin M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
2. Bakhtin M. Marxismo e filosofia da linguagem. 11a. ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
3. Authier-revuz J. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: Orlandi EP. Gestos de Leitura. São Paulo: Unicamp; 1993.
4. Vygotsky LS. Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
5. Brait B. Bakhtin: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto; 2008.
6. Fiorin JL. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática; 2008.
7. Brait B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. Dialogismo, Polifonia e intertextualidade. São Paulo: Edusp; 1994.
8. Authier-revuz J. Palavras incertas: as não coincidências do dizer. São Paulo: Unicamp; 1998.

